

Grupo: Transcrições de Conferências de Paulo Freire.

Componentes: Ana Paula Bauer Tartoni

Elisangela Nakashima

Marízia Guedes Rodrigues

VESPERTINO

Revisão Prof. Dr. Sidney N. de Oliveira

### DISCURSO DE PAULO FREIRE NO TUCA QUANDO RETORNOU AO BRASIL.

Depois destes quinze anos, de distância do Brasil, do povo brasileiro, esta é a primeira ou a segunda semana em que eu, Elza e meus dois filhos nos experimentamos de novo em terras do Brasil em São Paulo. Tem sido quinze dias de profunda emoção para nós, em que o próprio desgaste da minha voz é possivelmente muito mais o resultado da emoção sentida, do que das palavras ditas. E aqui agora de noite, diante de vocês, neste famoso teatro, onde a dias passados, sentado ali na esquina, ouvia Bethânia e sentia de novo intensamente a minha brasilidade. Aqui diante de vocês eu me pergunto “falar de que?” e chego até a ter uma idéia um pouco louca que seria a de me levantar sorrindo, abrir os braços como se estivesse a atirar sobre vocês o meu abraço e dizer “Muito obrigado povão do Brasil!”. Mas é claro que se falar nessa noite bonita do caráter político por exemplo da educação, ou se falar sobre métodos e conteúdos da educação a meu juízo isso seria quase um desrespeito, a outra hipótese também não dá, quer dizer eu não posso simplesmente agradecer este carinho e partir, devo dizer algumas palavras, mas palavras de emoção, palavras de carinho, palavras de amigo, e por isso então, não vejo como fugir, a dizer a vocês ou a contar a vocês pedaços da nossa existência nestes quinze anos. Falar um pouco do que se chama exílio. Em primeiro lugar tenho a impressão, não por demagogia mas por dever de dizer a vocês e ainda ontem a tarde conversando com Elza, eu lhe dizia o que vou agora repetir “Elza, minha nega, as homenagens que me têm prestado, eu é que devia estar prestando aos que ficaram aqui exilados na própria terra.”. Aos que ficaram aqui e as que ficaram, envolvidos numa cotidianidade alienante e dramática insistindo, com suas presenças, sem o que esta noite de hoje não estaria existindo. A estes e a estas sim, eu é que deveria homenagear, mas é verdade também que não posso recusar as homenagens, as aceito contente, quase como uma, uma alegria criança, uma alegria de menino e simplesmente devolvo a todos o carinho com que me recebem. Então este é o primeiro ponto que eu gostaria de sublinhar com relação a como pensamos nós o exílio. Por isso mesmo é que ao voltar ao Brasil não trazemos os quinze anos de exílio como uma exigência de privilégios; não apontamos a saudade que tivemos do nosso chão, do cheiro da terra molhada pela chuva, a saudade da aguinha morna do mar do Nordeste, a saudade da comida, do céu, a saudade do cheiro do povo, do cheiro da gente; não mostramos essa saudade como se por causa delas tivéssemos o direito de exigir, não, voltamos sem pretensão nenhuma para reaprender o Brasil e aqui vivendo de novo algo de novo fazer. Mas evidentemente que os quinze anos nos marcaram, se não foram quinze anos de sofrimentos diários, não, foram quinze anos de trabalho, de curiosidade, de busca que jamais parou e de esperança; e quinze anos de cuidado que tivemos, cuidados com as nossas marcas culturais e históricas, cuidamos muito bem das nossas marcas, cuidamos muito bem até do nosso jeito de andar, da nossa forma de rir, da nossa maneira de dizer “bom dia” e do nosso português do Nordeste que eu espero que não tenha se estragado demasiado nesses quinze anos, mas quando falei que cuidamos dessas marcas que nos fazem recifenses e brasileiros e latino americanos e terceiro mundistas, quando dizemos que cuidamos, cuidamos dessas marcas porque sabíamos também que o tempo de exílio é um tempo de riscos, de riscos que corremos e eu gostaria de falar em um deles ou dois deles. O risco por exemplo de transformar a saudade que nos acompanhou, a saudade das gentes, o risco de transformar esta saudade em nostalgia enfermiza, e assim de ter um passado que foi como se devesse ser o presente que estava sendo, o que proibiria a nós a perspectiva do futuro,

daí que sempre tenhamos lutado para que a saudade nossa fosse sempre uma saudade mansa, uma saudade que não apenas nos trouxesse, mansamente ao ontem para melhor compreendê-lo mas que também nos levasse até o amanhã na transformação do hoje; essa foi uma das grandes preocupações que sempre tivemos, a de não nos tornarmos nostálgicos do Brasil, mas saudosos do Brasil; o outro risco é o risco de esquecer numa racionalização, é o risco que podemos ter do medo de esquecer, ou é o risco de, pretendendo esconder a saudade, nos aparentemente dar as costas ao Brasil e de dar uma, duas, três vezes as costas para não mostrar a saudade e terminar por estar se acostumando a não ter saudade, esse risco também evitamos e nele não caímos, eu não exagerei se disser aos meus amigos todos aqui presentes que o Brasil, e não só o Recife, mas o Brasil inteiro foi sempre para nós uma preocupação, jamais deixamos de estar presentes ao Brasil, era fundamental que assim fizéssemos mesmo que não tivéssemos jamais também permitido nutrir sonhos impossíveis quando um regresso era inviável, aí isto também não fizemos, evitamos ao máximo sonhar a impossibilidade de um retorno quando não era viável o retorno, mas jamais deixamos de crer que um dia aqui estaríamos e se não neste próprio, neste mesmo teatro ou em outro qualquer andando nas ruas de Brasil; mas se há riscos no exílio e são riscos que nós aprendemos a nos defender, enquanto o exílio é todo ele um processo de aprendizagem, constante, permanente, mas há também outras coisas que aprendemos intensamente no exílio, por exemplo a capacidade de querer bem a outros povos, de trabalhar, de buscar, de procurar compreender as diferenças culturais em lugar de pretender estabelecer juízos de valor sobre expressões de cultura, na semana passada eu falava a um grupo grande de estudantes em São Paulo, e falava também sobre isso, e dizia por exemplo de que quando cheguei recentemente a Santiago em Chile, um dia andando pelas ruas com um chileno pus minha mão no seu ombro e em certa altura ele me disse rindo “Paulo, aqui não gostamos muito destes gestos.”, eu agradei e depois que marchei só dizia a mim “há algo errado numa cultura que recusa um gesto afetivo” e anos depois na minha primeira visita à África passeando no campus da *Universidade de Dahr Est Salaan* em Tanzânia com um professor, em certo momento ele agarrou a minha mão e marchamos como se fôssemos enamorados, e eu estava sem saber em mim dizendo a mim mesmo “se um pernambucano passa por aqui agora...” (risos da platéia), e quando meu amigo africano soltou a minha mão, rapidamente eu pus as duas nos dois bolsos (mais risos), e em seguida disse a mim mesmo “há algo errado na minha cultura que recusa um gesto afetivo” (aplausos). É claro que em qualquer seminário de Antropologia Cultural e em qualquer livro podemos encontrar referências às diferenciações culturais, mas o bom mesmo é aprendê-las assim, é vivê-las, é experimentarmos-nos nestas diferenças, eu acho que isso é uma das coisas mais importantes para um estrangeiro que pretende visitar outro país; nos começos de sua chegada compreender por exemplo o humor, perceber o sentido do humor; às vezes amigos meus, norte americanos me contam uma anedota, riem e eu fico perguntando “por que acharam graça?”, e o mesmo deve se verificar em caso oposto, esse foi outro aprendizado que o exílio nos deu, não só a nós, mas eu não tenho dúvida nenhuma a todos os brasileiros que passaram durante estes anos todos por diferentes partes do mundo; a outra coisa que o exílio me deu, me pôs, me impôs e que está ligada a essa, foi o que eu costumo chamar de andarilhagem da obviedade, nisso é o que afinal em que eu me transformei, num andarilho do óbvio; caminhando, marchando por grande parte do mundo, conversando com estudantes das *Ilhas de Fugi* por exemplo, ou da Austrália ou da Nova Zelândia, ou da Índia, ou da África, e recebendo perguntas curiosas que muitas vezes eu havia recebido já no Brasil e que eu continuava a receber; em certo sentido nas minhas andanças, sobretudo pelo chamado terceiro mundo, foram andanças que me compensavam a impossibilidade de andar no meu próprio mundo, era como as vezes se eu estivesse num auditório como esse, também afetivamente recebido, também carinhosamente recebido, aprendi então muito; se vocês me pedirem uma relação das coisas que eu aprendi, eu não tenho essa relação, mas nesses quinze anos, eu aprendi também a esperar na ação e não na pura espera (aplausos), porque a espera que se dá na pura espera é uma espera sem esperança, a espera só é esperançosa quando ela se dá na prática, através da qual se busca o esperado. Nada se faz na espera da pura na pura espera, isso eu aprendi também intensamente nestes quinze anos de exílio, e agora é claro que aprendi muitas outras coisas mas devo respeitar vocês e

não transformar esta noite numa noite em que eu faço discurso. Eu gostaria também num parênteses de dizer a vocês que o fato de já estar falando por muito tempo tem que ver com a saudade que eu tinha do meu país; ao voltar neste primeiro encontro está sendo meio difícil a mim me conter, até que preciso me ouvir falando português, e ler na cara das pessoas que estão diante de mim e estão me entendendo o português.- Já esqueci uma outra coisa que eu ia dizer de novo, do meu aprendizado - sim, eu estava dizendo exatamente que vou parar com a relação das coisas do meu aprendizado precisamente porque no começo do ano que vem sem data marcada estaremos voltando para o Brasil, e para morar em São Paulo onde pelo menos três netas paulistas me convidam a morar, e voltando, é claro que vou ter que explicar muito bem isso aos meus queridos amigos recifenses, não fui, não serei o primeiro recifense, nem o último a vir morar em São Paulo, aqui defronte de mim eu tenho um querido amigo recifense professor em São Paulo. Venho morar em São Paulo onde trabalharei na PUC e na UNICAMP, bem, não pensem também que eu estou fazendo cabides de emprego, e também num instituto querido de mim, que é um instituto, um grupo de jovens que poderiam ser meus filhos do ponto de vista da idade deles, brasileiros, e também alguns estrangeiros, criamos em Genebra a sete anos ou oito passados uma equipe de gente tão boa quanto vocês, o instituto se chama IDAC Instituto de Ação Cultural, com cuja equipe trabalho há sete anos, a quem quero muito bem e respeito pelo seu valor, sua seriedade intelectual, moral, profissional e com quem trabalho na África, o IDAC se instalará, tudo indica, entre Rio e São Paulo e continuaremos trabalhando na África, e eu faço questão de dizer isso por uma questão de lealdade mesmo a um instituto que eu ajudei a nascer, de quem não sou proprietário, (não há proprietário neste instituto) trabalhamos como equipe e do qual eu não me afastaria se esta fosse por exemplo uma imposição que a PUC jamais faria, então no próximo ano, eu espero que em diferentes oportunidades, em grupos um pouco menores do que este, para que nós possamos ter uma conversa em algum seminário e continuaremos a conversa dessa noite, e eu espero que devia ser realmente esta que está sendo uma conversa afetiva em que o homenageado pede licença para homenagear os que vieram homenageá-lo, muito obrigado.